



Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2018

Anais do IV Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas

RACISMO NO AMBIENTE DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE RAUL SOARES – MINAS GERAIS

Maria Carmem Vieira Verissimo Fioravante (UFOP/UNIAFRO)

Carmen Regina Teixeira Gonçalves (Orientadora)

Resumo: Este artigo tem por objetivo descrever uma pesquisa realizada na Escola Municipal Coronel “João Domingos” cujo objetivo é verificar como a escola e também os educadores, lidam com as questões e os processos discriminatórios presentes no espaço escolar de uma Escola pública do Município de Raul Soares. Neste estudo foi feita uma revisão bibliográfica com autores que são referência na temática étnico-racial. A metodologia utilizada foi entrevista com análise de dados junto a alunos do 8º e 9º Ano e professores atuantes no Ensino Fundamental. Através da análise dos dados apurados, pôde-se notar que grande parte dos docentes revela uma posição de retraimento às questões referentes ao racismo, principalmente quando acontece em sala de aula

Palavras-chave: discriminação racial, educação, racismo, preconceito.

*UFOP/UNIAFRO

Introdução

Esta pesquisa teve por objetivo entender como os alunos do 8º e 9º Ano e professores de uma escola pública, localizada no Município de Raul Soares – Minas Gerais, lidam com as diferenças étnico-raciais e as práticas de racismo no espaço escolar.

Os brasileiros evidenciam-se por uma diversidade étnico-racial sendo esta, resultado de um processo histórico que incluiu, numa mesma cena, grupos diversos: negros africanos, povos indígenas, portugueses (majoritariamente) e outros povos. Esse encontro possibilitou a

[1/24]

comunicação dessas culturas, transpondo para a formação de um país obviamente mestiço, com diversas faces, marcado pela pluralidade.

A instituição de ensino, como espaço social, é responsável por uma parte da socialização dos indivíduos e, assim, é por meio dela que também se firmam relações com a diversidade e, impreterivelmente, com diversas culturas. Esse encontro entre diferentes poderá tornar a instituição de ensino um dos espaços de convivência das tensões, dentre tantas, principalmente as raciais. A relação determinada entre alunos brancos e negros numa mesma sala de aula pode se estabelecer de maneira tensa, ou melhor, discriminando, afastando, excluindo, e assim o aluno negro poderá não se destacar, por receio de não ser aceito ou ser ridicularizado pelos colegas.

As manifestações de discriminação no espaço escolar contradizem a expressão comum de que o estabelecimento de ensino é o local da expressão e relações de igualdade. A escola é tida como um local de fortalecimento da cidadania, à formação para a capacidade crítica, à preparação para o mundo do trabalho, porém também é vista como um espaço de exclusão racial.

A discriminação racial pode ser vista como a prática do racismo e a confirmação do preconceito. Enquanto o preconceito e o racismo encontram-se no campo das doutrinas e dos julgamentos, da compreensão de mundo e das doutrinas, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam. Precisamos tomar cuidado, porém, para não considerar a discriminação como produto direto do preconceito. Esse tipo de consideração possui grande aceitação no Brasil. Segundo Maria Aparecida Silva Bento Teixeira (1992: 21), ele é fruto do mito da democracia racial onde se diz: “como não temos preconceito racial no Brasil, aqui não temos discriminação racial”. Para essa autora, neste modelo de preconceito que causa discriminação notamos a ênfase que recai sobre o indivíduo como portador de preconceito, como a fonte que gera a discriminação. Porém, a questão do racismo no Brasil é um problema social e não se restringe ao indivíduo.

Partindo da hipótese de que a prática preconceituosa e racista do professor, frente a um aluno negro pode ter como um de seus efeitos o fracasso nos estudos, é que se coloca a questão que orienta este estudo. Como os alunos e professores em geral do 8º e 9º Ano do

[2/24]

Ensino fundamental de uma escola pública lidam com as diferenças étnico-raciais e o racismo no espaço escolar?

Escolheu-se este tema de pesquisa, devido a relevância em analisar um assunto que merece ser debatido e estudado no que se refere às possíveis maneiras de tentar resolver ou pelo menos diminuir a discriminação na escola, uma prática que tem proporcionado graves consequências no sistema de ensino e aprendizado de crianças que, muitas vezes, terminam sendo vítimas de outros que se sentem superiores, a ponto de praticar esse ato denominado racismo que é o convencimento sobre a superioridade de certas raças, com base em várias motivações, principalmente os traços físicos e outras características do ser humano.

Objetiva-se também, com este trabalho, pesquisar e investigar as práticas de preconceito e racismo por parte dos discentes e educadores no espaço escolar, verificar a necessidade de uma educação multicultural que diminua as manifestações de racismo e discriminação que acontecem com os alunos negros e investigar a conduta do professor no que se refere à pluralidade cultural.

A escolha da escola se deu pelo fato da facilidade em desenvolver a pesquisa, pois tanto os alunos quanto os professores se mostraram a favor da realização da mesma, pela pluralidade étnico-racial existente, os muitos conflitos raciais encontrados, a necessidade de intervir em algumas situações de preconceito surgidas em algumas salas de aula e também por trabalhar nesse local. A realidade socioeconômica de muitos estudantes se destaca na dificuldade de aprendizado e ausência dos responsáveis no desenvolvimento escolar dos alunos.

Muitas vezes os alunos negros que são vítimas das práticas de racismo, não percebem (ou fingem não perceber) o quanto estão sendo discriminados. Devido a este problema, o estudo se faz importante, pois procura destacar as consequências que as práticas racistas ou impassíveis frente ao racismo trazem para o ensino e aprendizado e também para a vivência em sociedade.

1. Fundamentação teórica

[3/24]

Preconceito racial não é algo tão simples, especialmente nas escolas, que sempre foram vistas como um espaço democrático e como tal não deveria existir distinção e discriminação.

De acordo com Munanga (2008) o preconceito étnico-racial se tornou parte de nossa conduta cotidianamente. Sempre presenciamos atos preconceituosos, seja em expressões verbais, atitudes ou manifestações. A sala de aula não se livra disso. Lidar com esse assunto, ou também com a não tolerância, não está nas atividades mais fáceis do educador. Mas não são assuntos novos.

Nota-se que o ato preconceituoso pode acontecer de muitos modos e em diversos locais, mas quando acontece na escola, os efeitos podem ser grandes e necessitam um estudo profundo em se tratando da função da escola frente os assuntos raciais, pois como menciona Ribeiro; Marques; Ribeiro (2003: 93)

A escola não pode continuar a desenvolver o papel de agência produtora de mão de obra. Seu objetivo principal deve ser formar o educando como homem humanizado e não apenas prepará-lo para o exercício de funções produtivas, para ser consumidor de produtos, logo, esvaziados, alienados, deprimidos, fetichizados.

O preconceito racial pode se apresentar em tantos aspectos como no dia-a-dia das escolas, no trabalho, nos livros, etc. Quase sempre as escolas fazem “vista grossa” para as circunstâncias que mostram práticas discriminatórias, como no uso de palavras preconceituosas, como: “serviço de preto”, “a coisa tá preta”, “cabelo de Bombril” e outras.

De acordo com Cavalheiro (2003) a instituição de ensino deve ser um espaço em que o aluno se sinta acolhido, os afro-descendentes, assim como os brancos, devem fazer parte das histórias infantis, não camuflados como fazem algumas pessoas.

O modo de se referir ao afro descendente causa intimidações que não deve ser admitido, visto que as atividades da escola não podem ser julgadas imparciais, livres de objetivos sejam positivos ou negativos já que o contato com certas colocações são uma grande complicação especialmente para quem sofre a discriminação.

Gonçalves (1985) analisa que o preconceito racial e a discriminação se expandem, nas escolas, por meio de mecanismos ou funcionamento do ritual pedagógico, entendido

[4/24]

como a materialização da prática educativa, vivida na sala de aula, a qual elimina dos currículos escolares a história de luta dos negros na sociedade brasileira.

É flagrante a ausência de um questionamento crítico por parte das profissionais da escola sobre a presença de crianças negras no cotidiano escolar. Esse fato, além de confirmar o despreparo das educadoras para relacionarem com os alunos negros evidência, também, seu desinteresse em incluí-los positivamente na vida escolar. Interagem com eles diariamente, mas não se preocupam em conhecer suas especificidades e necessidades (Cavalleiro, 2000:35).

São muitas as situações e ocorrências que levam o racismo a se perdurar na instituição de ensino, considerando que os próprios livros didáticos destacam em sua maioria os indivíduos brancos como referência, e o negro é somente referenciado como modelo de uma fase da história como o período da escravidão do Brasil ou também para enaltecer alguns indivíduos negros que se destacam em várias áreas, como esporte e música, por exemplo. Porém, quase nunca vemos referenciais científicos de pesquisadores negros.

Como enfrentar a diversidade cultural em sala de aula? É possível fugir de um modelo monocultural de ensino? Poderão educadores incluir a igualdade de oportunidades educacionais entre suas metas? Como socializar, por meio do currículo e de procedimentos de ensino, para atuar em uma sociedade de muitas culturas? Esses desafios se mostram como: modo de propor novas metodologias para o ensino de estudos étnicos; reformulação de currículos e espaços escolares, articulando cultura e identidade; desempenho escolar e diversidade cultural; criar ações que gerem oportunidades de sucesso escolar para todos os educandos independentemente de sua raça, seu grupo social, religioso, político e de gênero; valorizar a importância da diversidade étnica e cultural na configuração dos diferentes modos de vida.

Assim, é papel do educador verificar, a partir de sua prática no cotidiano escolar, se acontece atos de discriminação e racismo na escola, para, dessa maneira, contribuir para a redução desses padrões de exclusão, e como o educador é um formador de opinião de adolescentes e crianças, precisa estimular o debate em sala de aula sobre esses assuntos e apresentar a diversidade das visões de mundo.

[5/24]

1.1 A concepção de escola sob o modelo democrático

Para definir o que é escola entendendo que ela possa ser conceituada como democrática, vale ressaltar o projeto de escola que é nomeado por Paulo Freire (1997) como Escola Cidadã, que surgiu em meio ao movimento de manifestação de educação popular.

Designa-se comumente por “Escola Cidadã” uma certa concepção e uma certa prática da educação “para e pela cidadania”, que, sob diferentes denominações, são realizadas, em diversas regiões do país, principalmente em municipalidades onde o poder local foi assumido por partidos do chamado campo democrático-popular. (GADOTTI, 2003, p.23)

O maior objetivo da escola cidadã é cooperar para a criação das condições para o aparecimento de uma nova cidadania, como local de organização da sociedade para a defesa e garantia de direitos.

1.2 Atividades de inclusão: quebrando o ciclo de exclusão na escola

Educar pessoas para minimizar os problemas causados pela discriminação é a função da Instituição de Ensino. As ações necessárias e provisórias, desenvolvidas pelo Estado ou pela iniciativa privada, naturalmente, ou de modo obrigatório, com a finalidade de acabar com as desigualdades vinculadas a diversos grupos sociais, permitindo a igualdade de oportunidades e tratamentos, assim como igualar perdas ocasionadas pela diferenciação e segregação quer sejam por motivos étnicos raciais, de gêneros, religiosos, e outros.

Contra essa corrente, a primeira função da escola, nessa perspectiva, é problematizar e desnaturalizar o racismo que há em nossa sociedade. Essa percepção do preconceito se torna possível por meio da tematização das diferenças sociais, ocasionadas por um processo histórico de discriminação dos negros como também de privilégios para grupos sócio raciais dominantes

1.3 Preconceito, racismo e antirracismo

[6/24]

O racismo é um conjunto de teorias formuladas onde o principal objetivo é reconhecer as desigualdades biológicas entre as pessoas, em que alguns creem ser melhores que as outras considerando sua raça.

Para Munanga (1999) como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma dimensão temporal e espacial. No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que, *ipso facto*, possuem algumas características físicas em comum

No Brasil, a democracia racial é nitidamente percebida como mito, ao observarmos os elevados índices que mostram as desigualdade existentes. As pesquisas mostradas por instituições como o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ambas no período de 2012/2014, esclarecem sobre a grave situação vivida pelos negros. E, a partir do momento em que o país foi prosperando, uma convicção em torno deste país começou a ser formada: o mito da democracia racial, com efeito o povo brasileiro ainda não vive numa democracia racial.

Com a substituição da ordem escravocrata por outra ordem hierárquica, a “cor” passou a ser uma marca de origem, um código cifrado para “raça”. O racismo colonial, fundado sobre a ideia da pureza de sangue dos colonizadores portugueses, cedeu lugar, depois da independência do país, a ideia de uma nação mestiça (SKIDMORE, 1993, p. 48).

Desse modo, a discriminação racial na concepção de Munanga (2006) é “qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência em função da raça, ascendência, origem nacional ou étnica” Fernandes (2005), ao estudar as questões raciais no país, assinalou que o povo brasileiro diz não ter preconceito, no entanto, democracia racial é uma farsa. E ainda de acordo com Fernandes:

(...) a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de reeducar-se e de transformar-se para corresponder aos novos padrões e ideais de homem, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e capitalista. (FERNANDES, 1978: 20).

De certa forma podemos compreender a exclusão do negro do cenário social como consequência direta do processo de abolição da escravidão. Em outras palavras, a inserção

[7/24]

precário negro aconteceu de forma lenta com a ocupação dos setores mais subalternos na sociedade.

1.4 Possibilidades trazidas pela lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

A Lei 10.639/2003 pode ser julgada um ponto de chegada de uma história da população negra para se ver descrita com o mesmo valor dos outros povos que para aqui vieram, e um ponto inicial para uma transformação social. Na educação, a confirmação desta lei significou interrupção intensa com um tipo de postura educativa que não identifica as diferenças que resultam do nosso processo de formação nacional. Para além do impacto positivo junto à população negra, essa lei deve ser vista como desafio primordial do conjunto das políticas que objetivam na melhoria da qualidade da educação do país para todos. A necessidade e a obrigação de integrar a Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos de Educação Básica refere-se à resolução fomentada pela organização dos movimentos negros na luta em reconhecer, valorizar o negro e sua cultura. Além do mais, por acesso a bens sociais, como também para a eliminação do racismo, com grandes ressonâncias pedagógicas, também na formação de educadores.

A Lei 10.639/03 e suas respectivas diretrizes curriculares nacionais podem ser consideradas como parte do projeto educativo emancipatório do Movimento Negro em prol de uma educação antirracista e que reconheça e respeite a diversidade. Por isso, essa legislação deve ser entendida como uma medida de ação afirmativa, pois introduz em uma política de caráter universal, a LDBEN 9394/96, uma ação específica voltada para um segmento da população brasileira com um comprovado histórico de exclusão, de desigualdades de oportunidades educacionais e que luta pelo respeito à sua diferença (LDBEN 9394/96,2007, p.106).

A Lei 10.639/03 fortalece a luta em favor dos afro-brasileiros e é consequência de uma luta antirracista. Fazer vir aflorar os debates sobre o racismo é um modo de não calar as mais variadas discriminações e preconceitos presentes nas instituições educacionais, além de favorecer relações mais democráticas.

2. Metodologia

[8/24]

Esta pesquisa foi realizada durante um período de 31 dias, no mês de maio de 2015, com o objetivo de verificar como alunos e educadores lidam com as diferenças étnico-raciais e práticas de racismo no ambiente escolar, como também contribuir na elaboração de práticas educativas que objetivem combater a desigualdade racial, com alunos, professores de uma escola pública de Ensino Fundamental II, por considerar que a escola, estando localizada no centro da cidade, consegue agregar alunos de várias realidades culturais, sociais e econômicas.

Os 120 alunos envolvidos na pesquisa correspondem ao 8º e 9º do ensino fundamental II. Também foram envolvidos na pesquisa 14 professores de todos os conteúdos da escola pesquisada.

As idades dos alunos variam entre 13 e 17 anos. Todos os professores, sujeitos dessa pesquisa, têm licenciatura em Pedagogia, realizada pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Os participantes foram escolhidos tendo por meio de alguns critérios, os alunos por estudarem nessa instituição escolar ao passo que os docentes por trabalharem na mesma e por aceitarem participar da pesquisa. Os questionários semiestruturados com perguntas de múltipla escolha foram respondidos de forma individual e voluntária.

A pesquisa foi realizada na escola municipal de porte médio, localizada em área urbana, situada no Centro do município de Raul Soares que atende ao ensino fundamental, com um total de 870 alunos divididos em três turnos (1º ao 9º ano).

A entrevista não causou grandes impactos, visto que muitos educadores não aceitaram participar, alegando não terem tempo de responder ao questionário, e em relação a alguns alunos, estes demonstraram surpresa, dizendo que a questão racial não deveria existir na escola e muito menos na sociedade, pois todos têm a obrigação de respeitar as diferenças. Ressalta-se que foram entrevistados todos os 14 professores, e 120 alunos.

Foi elaborado um questionário semi-estruturado, com a ajuda de uma pedagoga da escola e pela pesquisadora com 10 perguntas de múltipla escolha direcionado aos alunos e professores participantes da pesquisa e entregue aos alunos e professores para serem respondidos e devolvidos à pesquisadora.

[9/24]

O que me motivou a fazer esta pesquisa sobre racismo foi uma entrevista feita no período de março a julho de 2013 para o Censo sobre a etnia a que eles pertencem, notei constrangimento entre eles de se assumirem como negro, além desse fato, quase sempre verifica sinais de discriminação no espaço escolar, demonstrados por meio de agressões físicas e verbais.

De acordo com a autotclassificação a composição racial dos 120 alunos participantes da pesquisa foi: 14 brancos, 06 amarelos, 70 pardos, 13 indígenas e 17 afrodescendentes. 78 eram meninas e 42 meninos.

3.Resultados e discussão

A primeira questão referiu-se a classificação racial, os alunos marcaram qual a cor/raça eles consideravam pertencer, tendo 5 opções para declarar. Na classificação racial foi utilizado as categorias branco, amarelo, pardo, indígena e preto, categorias utilizadas pelo IBGE.

Quanto a questão referente ao entendimento de si mesmo diante de outras pessoas, 80% assinalaram que têm amizade com todos, não considerando a raça, cor, religião e situação financeira. Quando perguntado se são vítimas de racismo ou preconceito, 4% alunos disseram que sim.

A finalidade desta pergunta foi perceber qual a compreensão dos alunos por preconceito. Somente 45% responderam que é um juízo pensado, expressado principalmente na forma de uma postura que discrimina perante pessoas, os outros pesquisados marcaram outras opções.

Quanto a questão, referente à expressão verbal, vários estudantes não marcaram nenhuma opção e dos que marcaram a opção mais aceita menciona que nem sempre quando se dizem algo com relação ao negro, querem discriminá-lo.

Questionou-se aos alunos como frequentemente a história do negro era estudada, dos 120 alunos que responderam, 40% disseram que estudavam sobre o assunto em História, e 72

[10/24]

alunos mencionaram que não era abordado o assunto ou somente na abolição da escravatura e no dia da consciência negra.

Em se tratando do racismo, 55% dos 120 alunos, marcaram a alternativa que diz ser notório que as distinções raciais acontecem sempre em qualquer lugar, tanto na escola quanto na sociedade. Porém 20% creem que não existe discriminação racial, que todas as pessoas são bem tratadas e 25% alunos optaram pela alternativa que diz não entender nada sobre a questão.

Na questão referente às condutas racistas 90% acham que não deve haver, porque temos que respeitar as desigualdades, 10% alunos marcaram outras alternativas e desses, 9% assinalaram que não respeitar as pessoas por serem diferentes acontece sempre no dia a dia.

Quando foi indagado aos pesquisados se vivenciaram condutas discriminatórias 95% dos 120 entrevistados, disseram que quase sempre isso faz parte do dia a dia da escola e disseram, também que presenciaram com parentes. O fato causou grande espanto, em todos os envolvidos na pesquisa, pois vivemos em uma nação com imensa pluralidade cultural.

Quando perguntado qual a função da escola perante as práticas de racismo, 90% alunos se posicionaram em relação a questão e 10% não responderam. Porém 60% dos alunos disseram que é necessário favorecer o diálogo coletivo sobre o assunto e outras ações contra o racismo preconceituosas, com a atuação de todas as pessoas envolvidas com a educação, os demais assinalaram outras opções.

De acordo com o resultado da pesquisa, verificamos que os alunos admitem que não pode haver prática de racismo e que todos necessitam ser respeitados indiferente de cor, raça, religião ou condição social. Nas outras perguntas percebeu-se claramente a presença de ações discriminatórias porque os indícios das mesmas se concretizaram nas respostas a algumas questões.

Sendo assim, os estudantes entendem a importância que precisa ser dada aos assuntos referentes ao racismo, porque quando questionado sobre a função da escola, disseram, que se faz necessário incrementar debates coletivos sobre o racismo e outras ações de preconceitos, com a atuação de todos envolvidos

[11/24]

O questionário direcionado aos educadores foi entregue para ser respondido e devolvido no dia seguinte, a fim de esclarecer a percepção dos mesmos sobre o tema.

A questão sobre como deve ser tratado assuntos referentes ao racismo, 72% dos docentes, disseram no contexto educativo pela escola e somente um mencionou que poderia ser quando por acaso surgisse na escola.

Na questão relacionada ao planejamento da escola, a resposta que foi marcada majoritariamente foi que o planejamento mostra aos discentes informações sobre a cultura negra e indígena. Quanto como a escola age diante das questões raciais, as opiniões ficaram bem divididas, sendo que a maioria dos entrevistados marcou que a escola atua de maneira neutra em se tratando de questões raciais, permitindo que os educadores invistam em cursos para melhor lidar com esses assuntos.

Em relação a pergunta de como a escola deve proceder para melhorar os relacionamentos, aceitar a pluralidade étnica e respeitar as diferenças raciais, a maioria dos docentes disse que deveria dar maior destaque ao conhecimento em relação as heranças culturais do país.

Sobre a pergunta que trata do que pensam em relação a expressão verbal, mais da metade respondeu que em determinadas situações usam outras linguagens para referir-se as raças dos alunos e assim não ofendê-los, a opção que se refere a linguagem com o poder de intervir nas questões raciais não foi assinalada por nenhum entrevistado.

Um grande erro que o educador comete é o de ficar preocupado com o modo com que vai chamar seus alunos negros, sem correr o risco de ofendê-los. Ser negro é muito mais que característica física, ser negro faz parte de uma escolha de afirmação de sua identidade. É necessário lembrar, desse modo, que a palavra “preto” ainda é uma categoria usado pelo IBGE para classificar a cor da população brasileira.

A palavra negro foi usada por muitos, de modo depreciativo, inculcando, nas pessoas, o sentimento de alguma coisa negativa para tudo que se diz negro (por exemplo, quando a situação está complicada, diz-se que ela está “preta”). De acordo com o descrito, este sentido negativo da palavra ainda existe.

[12/24]

Nesse sentido, o racismo moderno constitui-se, enquanto forma de dominação de uma classe sobre a outra, dentro das relações de produção da vida material, o que não é o caso da escravidão presente nas antigas sociedades greco-romanas. Estas não desenvolveram teorias de superioridade branca. (ROCHA, 2006:7)

Sobre a pergunta referente aos materiais da escola para tratar do assunto racial, a maioria disse que quase não se encontram livros relacionados ao tema em questão. Quase todos professores acham que é preciso estudar o assunto. Também a maioria acha que é necessário mostrar que todos são distintos uns dos outros e precisamos respeitar as diferenças e precisamos agir de maneira adequada, para lidar com a questão.

A maioria das alternativas assinaladas pelos docentes, esclarecem, que a escola trabalha a cultura do negro somente duas vezes ao ano, porém que os assuntos referentes ao racismo, necessitam ser abordados no dia a dia pela escola, pois percebe-se ser necessário mais atenção no tema em questão.

Os educadores mostraram-se bem divididos em relação ao agir da escola quanto as condutas racistas, porque assinalaram que a Instituição de Ensino atua de maneira indiferente, deixando a cargo dos educadores a discussão sobre o racismo na área da escola.

Sobre a capacitação dos educadores sobre assuntos raciais, notou-se falta de entendimento sobre o assunto porque muitos entrevistados assinalaram que é preciso estudar o assunto mais profundamente. O que menos preocupa nos debates a respeito da discriminação e racismo na escola é a firmeza dos educadores, sabendo como atuar nos casos de discriminação, porque quase todos entrevistados disseram que é necessário mostrar que todos nós somos distintos uns dos outros e precisamos ter respeito pelas diferenças, entretanto precisam se atualizar sobre o assunto.

Conforme o Parecer Nº 3/2004, que visa a atender os propósitos expressos na Indicação CNE/CP 6/2002, bem como regulamentar a alteração trazida à Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, torna-se indispensável que exista formação para os educadores sobre assuntos referentes à diversidade étnico-racial, para que eles se sintam preparados para trabalhar com

[13/24]

seus alunos e consigam desenvolver estratégias educativas que reeduem a todos sobre estas questões)

4. Considerações finais

Através do resultado da pesquisa, pode-se verificar que a maioria dos entrevistados admite existir racismo na escola e que essa prática deveria ser excluída na sociedade, pois todos precisam ser respeitados.

Em muitas perguntas percebeu-se claramente a presença de ações discriminatórias porque os indícios se concretizaram nas respostas a algumas questões.

Sendo assim, os entrevistados entendem a importância que precisa ser dada aos assuntos referentes ao racismo, porque quando questionado sobre a função da escola, disseram, que faz-se necessário incrementar debates coletivos sobre o racismo e outras ações de preconceitos, com a atuação de todos envolvidos.

O estudo mostrou que o racismo em suas múltiplas faces acontece, e desse modo, é preciso entender a concepção de racismo e raça, considerando o ponto de vista antropológico, biológico e jurídico.

O entendimento dos alcances e limites de um julgamento é essencial para progredirmos nos debates a respeito do racismo e para formarmos um novo costume orientado para a formação da cidadania total. Abordar o racismo como se ele não existisse, ou optar pelo silêncio, como modo de enfrenta-lo, atraiçoa o sentido da democracia que reclama das pessoas e também das escolas uma atitude clara e firme quando discutimos sobre o tema em questão.

Contestar ou não identificar o racismo no país que se mostra principalmente de modo silencioso e insidioso é, revigorar um país racista que, frequentemente seleciona políticas que quase sempre buscam disfarçar, de vários modos, a diversidade de valores que existem na cultura africana

São muitas as possibilidades para acabar com o preconceito racial e a Instituição de Ensino tem o dever de assumir a função de uma escola democrática e cidadã, priorizando as atitudes positivas e respeitando as diferenças.

[14/24]

A pesquisa feita na escola propiciou uma consideração de como são vividos os assuntos referentes à discriminação e ao racismo, especialmente por ter propiciado uma comparação entre as opiniões dos educadores e estudantes da escola. Sendo assim, faz-se necessário enfatizar que quando se refere aos assuntos étnicos raciais, dificilmente nos debates sobre o tema são atribuídos o devido valor e isso prova quando o estudo demonstrou que a pesquisa sobre os negros ou referente ao racismo é tratado somente na disciplina de História ou datas comemorativas.

O discernimento dos discentes sobre a ocorrência do racismo no espaço escolar é notado nas questões respondidas por eles na pesquisa, mostrando, desse modo que eles sabem da existência, ainda que se calem ou não se importem com as situações observadas.

Considerando as respostas dos professores, certificou-se que a maioria deles reconhecem que há condutas racistas na escola, porém ficam sem saber como agir nas situações de discriminação, entretanto creem que a instituição de ensino necessita investir em cursos sobre como lidar com essa questão na sala de aula e diante de circunstâncias racistas.

De acordo com as respostas dos entrevistados aponta para o investimento na formação do educador/a, para que ele possa tratar as desigualdades étnico-raciais no espaço escolar, não o exonerando dos compromissos de pesquisar e procurar conhecimentos sobre o assunto e desse modo propiciar um melhor tratamento às posições de discriminação.

Finalmente, os dados reunidos mostraram que a pesquisa mesmo que feita de maneira simples, destaca a ocorrência do racismo, mesmo sendo de modo silencioso e de condutas avaliadas como normais, mas que necessitam ser erradicadas com atitudes positivas e respeito ao diferente.

Os dados da pesquisa foram divulgados nas salas do 8º e 9º Ano, estando presentes os professores que participaram da mesma, o que causou impactos transformadores e benéficos, pois favoreceu o crescimento da noção de cidadania.

A maioria dos alunos percebeu a importância de cada ser humano e sua responsabilidade no combate ao racismo. Os professores sentiram a necessidade de criar um projeto envolvendo todas as turmas, fazendo reuniões com toda a comunidade escolar para

[15/24]

tentar disseminar o combate ao racismo, trabalhando valores com os alunos e realizando palestras sobre o tema para toda a comunidade escolar.

Portanto, o que o estudo sugere como um instrumento de combate ao racismo é que o assunto não continue sendo ocultado no Estabelecimento de Ensino, devendo favorecer um ambiente infundável para análises e discussões de posturas preconceituosas e racistas objetivando superar os padrões, discriminações e estigmas contra a população negra que é tão comum no espaço escolar, porque a formação para a diferença é trabalhosa na medida em que o educador é prisioneiro da ideia da igualdade, não se percebendo racista.

Necessitamos construir instrumentos educativos no interior da formação de docentes, do currículo, dos livros didáticos, no espaço físico e em todos os locais onde acontece a educação, no sentido de tomar a diferença como tema e sentido da ação educativa.

Referências

- BRASIL. Lei 9394 – 24 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Ministério da Educação, 1996.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. LEI Nº 9394/96.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: PALLAS, 2004.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do Negro na Sociedade de Classes Volume I - 3ª ed.** São Paulo: Ed. Ática, 1978.
- Alves, José Augusto Lindgren Alves. São Paulo. Coleção Estudos Dirigidos por J. Guinsburg. Ed. Perspectiva S.s, 2005.
- GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã, Cidade Educadora – Projetos e Práticas em Processo**, out, 2003.
- GUIMARÃES. Antonio Sérgio Alfredo. **Intelectuais negros e modernidade no Brasil**. Departamento de Sociologia. USP, 1995. Racismo e anti-racismo no Brasil. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

[16/24]

TEIXEIRA, Maria Aparecida Silva Bento. **Resgatando a minha bisavó**: discriminação racial no trabalho e resistência na voz dos trabalhadores negros. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1992, 135 p. (Dissertação, Mestrado em Psicologia Social)
SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco**: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993

ANEXO

QUESTIONÁRIO ALUNOS

Marque a opção que você considerar correta:

1. Considerando as expressões relacionadas à cor e raça, você se considera:

- (A) Branco
- (B) Amarelo
- (C) Pardo
- (D) Indígena
- (E) Preto

2. Você se considera:

- (A) Amigo de todos independentemente da cor ou raça, condição social ou religião.
- (B) Diferente de todos, porque cada um tem sua característica.
- (C) superior aos outros, já que tenho tudo que quero.
- (D) Vítima do preconceito por não ser igual aos outros.

3. Preconceito é:

- (A) Achar-se melhor que o outro.

[17/24]

- (B) É uma opinião preconcebida, manifestada geralmente na forma de uma postura que discrimina perante os outros, lugares ou tradições considerados diversos ou esquisitos.
- (C) Ter atitudes egoístas, agindo e pensando de acordo com seus interesses.
- (D) Julgar que todos são iguais perante as leis.

4. Em se referindo às expressões verbais:

- (A) É comum ouvir expressões do tipo: você é feio(a) porque é negro(a), sai daqui negão, cabelo de Bombril e outros termos para referir-se ao negro.
- (B) As palavras não influenciam diretamente nos assuntos raciais.
- (C) A linguagem utilizada diariamente na escola influencia diretamente nos assuntos referentes a discriminação ou racismo.
- (D) Às vezes quando se diz algo referente ao negro, não quer dizer que estamos sendo preconceituosos.

5. Normalmente a história referente ao afrodescendente é analisada:

- (A) Em História.
- (B) Em agosto, no dia da Abolição da escravatura, no mês do folclore, e também no dia da Consciência Negra.
- (C) Nunca é estudada.
- (D) Em todas as disciplinas que dão possibilidade de tratar o assunto.

6. Em relação ao racismo você acredita que:

- (A) todos são tratados da mesma maneira, portanto não existe.
- (B) É lógico que as desigualdades de raça acontecem sempre na Escola e fora dela.
- (C) Nota-se uma cena que preocupa: o aumento das hostilidades raciais e étnicas.
- (D) Não entendo nada sobre a questão.

[18/24]

7. Quanto às condutas racistas você considera:

- (A) Que não pode existir, porque precisamos respeitar e conviver bem com as desigualdades.
- (B) Não respeitar as outras pessoas por não serem iguais é comum na nossa sociedade.
- (C) É evidente que atitudes que diz que as pessoas têm vocação para defender a sua identidade manchando a dos outros sempre existiu.
- (D) Lamentável já que temos uma sociedade que diz ser antirracista.

8. Você já testemunhou atitudes consideradas racistas:

- (A) Sempre e isso faz parte do dia-a-dia da sociedade e da escola.
- (B) Nunca testemunhei e considero lamentável essa atitude.
- (C) SIM. E com pessoas do meu convívio, e tal fato me deixou chocado, já que vivemos em um país de grande pluralidade cultural.
- (D) Não existe.

10. Quanto a função da escola em relação ao racismo:

- (A) Deve favorecer debates coletivos a respeito do racismo e de outros atos de preconceito, com o envolvimento de toda a comunidade escolar.
- (B) Debater sobre racismo somente na disciplina de História, já que estuda a história de todos os povos.
- (C) Informar a todos sobre a importância do negro e sua história.
- (D) Enaltecer alguns negros que são destaque para a história como: Cantores, Pelé, Barack Obama, e outros.

ANEXO II

QUESTIONÁRIO PROFESSORES

[19/24]

Marque a alternativa que corresponde à realidade do seu ambiente escolar:

1. O tema que envolve a história dos afro descendentes é tratado na escola:

- (A) Nas datas comemorativas como: Abolição da Escravatura, em agosto, mês do Folclore, e no dia da Consciência negra.
- (B) Em forma de conteúdo, dentro das áreas que possibilitam tratar o assunto; (C) Em projetos preparados pela escola.
- (D) Não é estudada.

2. OS assuntos que envolvem o racismo devem ser abordados:

- (A) No contexto Pedagógico pela escola.
- (B) Pelos movimentos ligados a questão social.
- (C) De acordo com casos que porventura se destaquem na escola.
- (D) Como se não houvesse, para evitar muitos problemas entre alunos e professores.

3. Quanto a organização do currículo:

- (A) Baseia-se nas contribuições dos europeus e de acordo com os livros didáticos;
- (B) Baseia-se em métodos que distingue de modo positivo a variedade de raças;
- (C) Retrata aos alunos a cultura do índio e afrodescendente;
- (D) Desconsidera a realidade plural e destaca um caráter monocultural.

4. Em relação à Instituição de Ensino:

- (A) Atua de maneira neutra em se referindo aos assuntos sociais, deixando que os educadores trabalhem de acordo com os conteúdos específicos das áreas.

[20/24]

(B) Reavalia e avalia frequentemente a prática da escola e reflete sobre os conceitos e valores mostrados em relação ao afrodescendente e sua cultura para informar aos alunos da sua importância.

(C) Tem pouca informação para tomar posição de modo crítico no que se refere à cultura negra.

(D) Tem tentado investir em sua formação para melhor lidar com os assuntos raciais.

5. Quanto às heterogeneidade entre grupos etnoculturais:

(A) Não são estudados, porque pode causar conflitos.

(B) É importante promover discussões sobre as relações entre os grupos etnoculturais e desse modo promover a socialização tranquila entre ambas.

(C) São manifestadas como parte da pluralidade cultural brasileira.

(D) Não podemos desconsiderar as árduas questões do pluriculturalismo, das diversidades de linguagem, religiosa, sexuais, étnicas, de raça, gênero, e de linguagem.

6. Para a Instituição de Ensino fortalecer a relação harmoniosa, aceitar a diversidade étnica e o respeito às diversidades precisa:

(A) Convencer que todos precisam ter orgulho de pertencer a uma determinada raça.

(B) Não dar a devida importância para as opiniões generalizadas em relação ao afrodescendente encontrada nos livros didáticos, nas produções e em outros textos do material didático existente.

(C) Dar grande destaque às informações sobre as heranças culturais do povo brasileiro.

(D) Favorecer momentos de diálogo sobre o assunto.

7. Sobre a expressão verbal:

(A) A linguagem não pode exercer influência diretamente nos assuntos raciais.

[21/24]

- (B) De vez em quando é melhor utilizar o eufemismo para referir-se as etnias dos discentes e desse modo não magoá-los diretamente.
- (C) Certamente a linguagem utilizada no cotidiano escolar pode influenciar nos assuntos relacionados a discriminação e ao racismo.
- (D) É necessário não dar importância a linguagem de indivíduos preconceituosos.

8. Quanto aos livros existentes na biblioteca:

- (A) Há uma grande variedade de livros que se referem a questão racial;
- (B) Não observamos se existem livros referentes ao tema.
- (C) Existem poucos livros referentes a questão racial.
- (D) Não há livros sobre o tema.

9. Quanto à formação dos educadores em relação à questão racial:

- (A) Sempre fazem cursos ou grupos de estudo sobre o assunto racial.
- (B) Ainda não fizeram nenhum estudo sobre a questão.
- (C) Inserimos o assunto nas reuniões e principalmente nos encontros pedagógicos e momentos da formação da equipe de profissionais.
- (D) É preciso estudar mais profundamente sobre a questão e depois realizar debates com a equipe.

10. Diante de uma situação de racismo é preciso:

- (A) Não comentar para evitar outros transtornos.
- (B) Agir de modo harmônico, para resolver a situação, comentando que nem sempre as pessoas querem magoar os outros, desse modo podemos pedir desculpas a quem foi magoado.
- (C) Convencer que todos são distintos uns dos outros e precisamos conviver e ter respeito pelas diferenças.

[22/24]

(D) Agir de modo enérgico, castigando quem magoar o outro por ser diferente na cor e na raça.

[23/24]

Racismo no ambiente de uma escola pública do município de Raul Soares • FIORAVANTE, Maria Carmen Vieira; GONÇALVES, Carmen Reina Teixeira

